

# Sarney: 'Campanha brutal e insidiosa'

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney acha que está sendo perseguido por uma "onda de maldade", uma "campanha brutal e insidiosa" insistente contra o governo e ele próprio. "Todo mundo, a todo momento, ouve, aqui e ali, algum insulto, alguma calúnia, alguma injúria", reclamou o presidente ontem, durante seu programa "Conversa ao Pé do Rádio". So-

bre a duração de seu mandato, disse que não pretende "sair dos padrões éticos para forçar situações".

"Se eu falei em cinco anos é porque estava convicto, e estou, que seria o melhor para a transição. Mas nenhum ano de mandato me interessa com o comprometimento da seriedade do governo." Apesar de se queixar das calúnias, Sarney garantiu que está tranqüilo. Mesmo porque não pode perder tempo com injú-

rias. "O meu tempo é precioso e eu tenho que me preocupar em trabalhar."

Para o presidente, não é difícil detectar de onde partem os insultos e por quais motivos. "É que eu feri interesses políticos muito grandes e também tive uma resistência a colocar o governo a serviço de interesses subalternos de grupos." Ele não identifica, porém, quais foram os interesses políticos desprezados pelo seu governo, preferindo afir-

mar que ninguém sofreu campanha tão contundente.

Na "Conversa ao Pé do Rádio", Sarney voltou a pedir o apoio do empresariado para enfrentar a crise econômica e, ao mesmo tempo, criticou os empregados. Disse que "o setor privado não pode ficar atirando pedras e elevando preços por mera defesa contra boatos ou má-fé, entrando assim na especulação". Todos no governo, segundo o presidente, estão convictos de

que começa agora uma nova etapa, com uma equipe sintonizada. O próximo passo é "tomar providências de uma economia de guerra e severidade, tanto na administração pública quanto no setor econômico".

O decreto extinguindo 40 mil cargos públicos vagos foi considerado por Sarney como uma medida radical. "Talvez, poucas vezes na administração pública deste país se tenha feito um decreto em tamanha profundidade,

com medidas tão severas." Resaltando que quer apenas poder governar em paz, o presidente admitiu que está preocupado com a inflação, com as dívidas externa e interna, com a moralidade no serviço público e com a corrupção. "A luta é dura, mas nós vamos vencer", afirmou, acrescentando que "o Brasil vai em frente mesmo contra a vontade dos pessimistas, dos agourentos, dos frustrados e dos demagogos".

## Mas 'onda de maldades' não o preocupa

Esta é a íntegra da "Conversa ao Pé do Rádio":

"Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala, mais uma vez, o presidente José Sarney, nesta Conversa ao Pé do Rádio, nesta sexta-feira, dia 29 de janeiro de 1988.

Nossa fala vai começar com uma reflexão sobre a campanha brutal e insidiosa que vem sendo difundida insistentemente contra o governo e o presidente.

Todo mundo, a todo momento, ouve, aqui e ali, algum insulto, alguma calúnia, alguma injúria, visando a atingir a imagem do meu governo. Porém, eu vou atravessando conforme o meu temperamento, serenamente. Enfrentando esses problemas com a consciência tranqüila do cumprimento do meu dever e do meu esforço para acertar. E os problemas que tenho não deixam tempo para essa preocupação com essa onda, que podemos dizer, onda de maldades. Eu não posso perder tempo, o meu tempo é precioso, porque ele é um tempo que deve ser destinado a tratar das coisas públicas.

Enquanto intrigam, eu tenho que me preocupar em trabalhar. Estou preocupado com a inflação, que não começou no meu governo. Estou preocupado com as dívidas externa e interna, que não foram feitas agora. Herdei. Vem de longe. Estou preocupado com a moralidade da administração pública, em punir os atos de corrupção, identificar focos de inércia e de má administração. Estou preocupado em

implantar o vale-transporte, estou preocupado em ampliar a distribuição de leite para as crianças. Aliás, hoje já estamos atingindo 6 milhões e 20 mil crianças em 338 municípios do nosso país, de maior população. Estou preocupado em construir 500 mil casas populares, pelo sistema de mutirão, estou preocupado em facilitar a aquisição da casa própria pela classe média. Estou preocupado finalmente em governar.

Portanto, vamos deixar isso de lado. Eu tenho a consciência de que nenhum governo sofreu campanha tão contundente. Mas tenho a identificação dessa campanha. É que eu feri interesses políticos muito grandes e também tive uma resistência a colocar o governo a serviço de interesses subalternos de grupos.

Eu quero também repetir ao povo brasileiro, às brasileiras e brasileiros que me ouvem, que eu não estou interessado, por motivação pessoal e de qualquer maneira a nenhum tempo préfixado de mandato. Se eu falei em 5 anos é porque estava convicto, e estou, e assim o fazia para servir à transição, preparar o caminho do sucessor com o país normalizado. Mas nada, nada mesmo, me faria sair dos padrões éticos para forçar situações. Nenhum ano de mandato me interessa com o comprometimento da seriedade do governo. Para reiterar essa conduta, mandei dois memorandos ontem e anteontem aos senhores ministros. Eu vou ler esses memorandos. No primeiro, eu disse o seguinte: "Sr.

ministro, renovo a recomendação feita anteriormente no sentido de que, no preenchimento das funções públicas nesse ministério e órgãos subordinados, sejam obedecidos os critérios da probidade, da capacidade e da confiança. Nenhum interesse subalterno poderá ou deverá fazer o governo afastar-se dos seus padrões éticos. O presidente da República não tem interesse outros a defender senão os do País. Assinado, José Sarney, presidente da República".

Mandei também um outro memorando: "Sr. ministro, em aditamento ao memorando 08, de 27 de janeiro, recomendo a esse ministério e seus órgãos subordinados que, até a conclusão da votação da Constituição pela Assembléia Nacional Constituinte, não se preencha qualquer cargo senão dentro da absoluta necessidade administrativa. Assinado, José Sarney, presidente da República".

Para avaliar o orçamento eu convoquei o Ministério para a próxima segunda-feira, para traçar normas de sua execução. Nós vamos conversar com todos ministros para que cada um assuma a grave responsabilidade de, na sua pasta, fazer a execução fiel do orçamento da República. Vamos diminuir ao mínimo todos os gastos. Nenhuma despesa fora do orçamento, naquele orçamento unificado que pela primeira vez se executa na República e que foi feito pelo meu governo. Serão dadas ordens drásticas para consecução desses fins.

Outro assunto é que assinei ontem um decreto, um decreto muito duro, sei que é um decreto duro, talvez, poucas vezes na administração pública deste País se tenha feito um decreto em tamanha profundidade, com medidas tão severas. Nós estamos extinguindo 40 mil cargos públicos que estão vagos em virtude de aposentadorias, em virtude de morte ou por qualquer outro motivo. Estamos proibindo contratações, suspendendo concursos públicos e tomando medidas para que este ano não sejamos surpreendidos com o estouro das despesas de pessoal pela liberalidade de órgãos autárquicos, fundações e companhias estatais.

Nós estamos convictos de que começamos uma nova etapa com uma equipe sintonizada. Nós vamos ter de tomar providências de uma economia de guerra e severidade, tanto na administração pública quanto no setor econômico. Mas eu quero advertir que não basta o governo. O setor privado não pode ficar atirando pedras somente e ao mesmo tempo elevando preços por mera defesa contra boatos ou má-fé, entrando na especulação.

Finalmente, eu quero dizer às brasileiras e brasileiros com a minha palavra de otimismo que a luta é dura, mas nós vamos vencer. O Brasil vai em frente mesmo contra a vontade dos pessimistas, dos agourentos, dos frustrados e dos demagogos.

Bom dia, e muito obrigado."